



Revista Katálys

ISSN: 1982-0259

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Curso
de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal
de Santa Catarina

Queiróz, Maria de Fátima Ferreira; Emiliano, Laiany Lara
Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira
Revista Katálys, vol. 23, núm. 3, 2020, Setembro-Dezembro, pp. 687-699
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Curso de Graduação
em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: 10.1590/1982-02592020v23n3p687

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179664899030>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABEM
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ESPAÇO ESPECIAL

Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira

Maria de Fátima Ferreira Queiróz¹<https://orcid.org/0000-0003-2701-3939>**Laiany Lara Emiliano²**<https://orcid.org/0000-0001-7241-0074>

¹ Universidade Federal de São Paulo, Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva, Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, Santos, SP, Brasil

² Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais, Santos, SP, Brasil

Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira

Resumo: O artigo apresenta as condições do trabalho docente em uma universidade pública brasileira em contexto de mudanças no setor da educação. O objetivo é analisar as percepções de docentes sobre o trabalho em relação à organização do trabalho e às implicações no binômio saúde/doença. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa pautado em entrevistas semiestruturadas sobre questões que abordam o processo de trabalho dos docentes, a partir de suas experiências, desejos e sensações. Foram entrevistados sete docentes, e a análise da fala teve como base o método do discurso do sujeito coletivo. Os resultados apresentam as condições de trabalho dos docentes sob processo de intensificação, prolongamento de jornadas e adoecimento desses trabalhadores. No cenário apresentado o trabalho vem atrelado a difusas engrenagens evidenciadas nos aspectos da organização do trabalho. Aborda-se um tema atual, que responde à necessidade de compreender o trabalho e seus efeitos deletérios visando contribuir com futuras transformações.

Palavras-chave: Condições de trabalho. Trabalho docente. Educação - docente. Saúde - docente.

Teacher in the 21st Century: working conditions in a Brazilian public university

Abstract: The article presents the conditions of teaching work at a Brazilian public university in the context of changes in the education sector. The objective is to analyze teachers' perceptions about work in relation to work organization and the implications for the health / disease binomial. This is a study with a qualitative approach based on semi-structured interviews on issues that address the work process of teachers, based on their experiences, desires and sensations. Seven teachers were interviewed, and the speech analysis was based on the collective subject's speech method. The results show the working conditions of teachers under intensification process, extension of working hours and illness of these workers. In the scenario presented, the work is linked to diffuse gears evidenced in aspects of work organization. A current theme is addressed, which responds to the need to understand work and its deleterious effects in order to contribute to future transformations.

Keywords: Work conditions. Teaching work. Education - teacher. Health - teacher

Recebido em 01.06.2020. Aprovado em 03.07.2020. Revisado em 10.07.2020.



© O(s) Autor(es). 2020 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar, distribuir e reproduzir em qualquer meio, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material, desde que para fins não comerciais e que você forneça o devido crédito aos autores e a fonte, insira um link para a Licença Creative Commons e indique se mudanças foram feitas.

Introdução

As novas formas de organização do trabalho impostas pela política capitalista neoliberal, em termos de exploração do trabalho e transações comerciais em um mundo globalizado, atingem os trabalhadores do setor da educação com reformas educacionais que transformam as condições e organização do trabalho nas universidades e afetam, sobremaneira, o trabalho docente. O trabalho na conformação neoliberal produz processos de precarização, e condições precárias que envolvem: o alinhamento da escola à empresa e dos conteúdos ensinados às exigências do mercado, tendo em vista formar trabalhadores para a obtenção de maior eficiência, produtividade e lucro em uma sociedade competitiva. Caracterizado como um ramo de atividade de prestação de serviços o trabalho na universidade não gera um produto numericamente quantificável, como no ramo industrial, por exemplo, não se inclui, portanto, na medida de produção, ou seja, o quanto se produziu em termos reais e em termos de valor. Assim, a medida do trabalho docente se fundamenta na produtividade, o quanto este produz em termos da capacidade de ensinar, de atuar com o intelecto e apresentar à sociedade os resultados de seu desempenho na construção do conhecimento em ciência. A pressão por produção intelectual está incluída no novo modelo de universidade com parâmetros de avaliação que mede a produtividade docente em quantidade de artigos em revistas indexadas, em aulas, em projetos de pesquisa e ações de extensão. Inclui-se a avaliação da produtividade e, em algumas universidades públicas, a atuação na gestão. Compõe ainda o panorama de trabalho docente o constante retrocesso nos direitos, adquiridos em lutas, com vistas à desvalorização do trabalhador no âmbito da universidade; a precarização das condições de trabalho; a retirada constante de conquistas na carreira docente e a redução no número de professores em relação aos estudantes.

Na universidade pública o processo de desmonte não foge à regra do projeto neoliberal e acrescenta um panorama ainda mais complexo no que se refere às transformações do Estado, que ora passa de executor para regulador e em defesa do capital, e as propostas de privatização dos bens públicos. Nesse processo histórico, o trabalho se intensifica com o prolongamento de jornada nem sempre visível pela própria natureza do trabalho docente, com menos docentes disponíveis para cumprir as tarefas, enfim, mais trabalho é exigido. Conta-se ainda com a introdução de novas tecnologias digitais e maior tempo de uso do trabalho online. Nessas condições os docentes estão a adoecer, às vezes sem se reconhecer sob determinantes do adoecimento, e trabalhando com maior intensidade para manter seu lugar no espaço social que é a universidade.

Ressalta-se que o trabalho humano é essencial na vida em sociedade, na vida do ser humano que trabalha e constrói sua trajetória para e pelo trabalho, e trabalho é compreendido como central na sociedade capitalista neoliberal. Ancorado por esta concepção, abordar o trabalho docente e suas condições, com a perspectiva de compreensão deste pela fala dos trabalhadores, é uma posição assumida na pesquisa, e considera-se ainda que se trata de temática atual que responde a necessidade de detectar os efeitos deletérios do trabalho sobre o corpo dos trabalhadores. Além disso, pode se configurar como um dos caminhos na direção da construção de propostas de transformações.

Nesse contexto que envolve o “trabalhar” na ótica daqueles que efetivamente desenvolvem o trabalho, busca-se neste artigo abordar a realidade do trabalho docente na Universidade Federal de São Paulo – *Campus* Baixada Santista, com base em pesquisa realizada no período de 2017 a 2018¹, identificando as expressões dos impactos da organização do trabalho na vida destes/as trabalhadores/as em um cenário histórico de mudanças na educação superior pública. Assim, este artigo tem por objetivo analisar as percepções de docentes sobre o trabalho na universidade em relação à organização do trabalho e às implicações no binômio saúde/doença.

O desenvolvimento da pesquisa se amparou em método com abordagem qualitativa pautado em entrevistas semiestruturadas com docentes da Universidade Federal de São Paulo. O método empregado nessa

Apesar de toda a intensificação do processo de trabalho e a fragmentação entre o trabalho no espaço da universidade e no espaço da vida pessoal, além de todas as exigências de trabalho sob condições precárias, aparece no discurso um desejo pautado na concepção de uma educação de qualidade, de um compromisso maior da universidade pública com a formação dos estudantes no Brasil.

etapa da pesquisa visou entender o processo de trabalho dos docentes na Universidade, ou seja, como ocorre a organização do trabalho; os conflitos entre o gerenciamento e entre colegas e a percepção dos docentes sobre o adoecimento gerado pelo trabalho na Universidade. Para a coleta dessas informações foi realizada abordagem qualitativa, pois este tipo de pesquisa apresenta superioridade metodológica quando aborda temáticas sobre processos organizacionais, suas ligações informais e não estruturadas². Entende-se ainda que “o cotidiano da sala de aula, o da cultura organizacional de uma empresa e do trabalho das mulheres e dos homens, por exemplo, são objetos privilegiados de uma abordagem qualitativa”³. Para mais, grande parte das pesquisas qualitativas adota a “análise do discurso” já que, dar voz aos indivíduos, é uma das formas mais adequadas para operar o resgate das representações dos sujeitos⁴.

Diante da opção pelo método, o discurso dos docentes foi coletado por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando-se gravação digital e com a posterior transcrição literal das gravações obtidas. A entrevista foi conduzida por questões que abordaram as temáticas: *Como é seu trabalho? O que te traz tensão? Como você se sente no trabalho?* e *O que você mais deseja para seu trabalho?* As entrevistas foram realizadas no espaço da Universidade, em ambiente reservado que permitiu garantir o sigilo das informações fornecidas pelos docentes e tiveram duração média de uma hora.

A análise da fala dos trabalhadores teve como base o método do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÉVRE; LEFÉVRE; TEIXEIRA, 2000), amplamente usado no campo da Saúde Coletiva e com resultados significativos de apreensão da realidade dos entrevistados. A Proposta do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) implica a utilização de quatro figuras metodológicas elaboradas para ajudar a organizar e tabular depoimentos e demais discursos. Essas figuras são: a ancoragem, a ideia central, as expressões-chave e o discurso do sujeito coletivo. Quase todo discurso tem ancoragem na medida em que está sempre alicerçado em pressupostos teóricos, conceitos, hipóteses. O DSC busca construir com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quanto se fazem necessários para expressar uma “dada” figura, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno. No percurso metodológico, como primeiro passo para a construção do Discurso do Sujeito Coletivo, foram analisados os discursos em estado bruto, de sete docentes, extraíndo as ideias centrais e suas expressões-chave relatadas por estes em suas respectivas expressões características individuais no que dizia respeito ao seu trabalho na universidade. Posterior a esta análise se construiu o discurso do sujeito coletivo sobre as temáticas pesquisadas.

Para o desenho qualitativo a seleção dos docentes foi definida a partir dos respondentes aos questionários na fase quantitativa da pesquisa realizada em 2016-2017. Os/as docentes foram convidados/as a conceder as entrevistas e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Este artigo está estruturado na exposição sobre o trabalho docente de forma geral, apresentação dos docentes e sua caracterização frente à docência, os resultados e discussão das entrevistas analisadas utilizando o discurso do sujeito coletivo e finaliza com considerações que possam contribuir no avanços de estudos que aprofundem a vivência docente no trabalho transformado pela ideologia capitalista neoliberal.

O trabalho docente

As transformações na educação superior pública brasileira benevolente às transfigurações do sistema capitalista vêm contornando o desenho das recentes pesquisas sobre a temática *trabalho docente*. Observa-se no contexto estudado o sistema nevrálgico do ‘novo capitalismo na educação’, o qual tende a se impor baseando-se em uma sujeição direta da escola à razão econômica. As metamorfoses na educação pública, de acordo com Laval (2019, p. 15), “estão ligadas a uma transformação que vai além dos quadros institucionais, essas mudanças assumem múltiplas formas que vêm afetando o trabalho do/as professores/as, seus benefícios simbólicos e vantagens materiais”.

A partir da década de 1970, o capital implementou um processo de reestruturação em escala global, visando tanto a recuperação do seu padrão de acumulação quanto a reposição da hegemonia no interior do espaço produtivo. A educação, submersa às implementações do processo de reestruturação produtiva, adquire um novo modelo de produção com base no circuito de mercado. “Em um cenário de tensão no qual desencadeavam-se ciclos e greves e lutas sociais, com o objetivo de recuperar formas econômicas, políticas e ideológicas da dominação burguesa” (ANTUNES; BRAGA, 2009, p. 233), o *capitalismo acadêmico*⁵ como resultado amplo desse processo passa a determinar os mecanismos de produção em escolas e universidades no qual conhecimento acadêmico passa a ser oferecido como venda de bens e serviços (LAVAL, 2019, p. 29).

Sob intenso movimento de concorrência, a educação atrelada ao processo de “desindustrialização, privatização e advento das políticas neoliberais” (ANTUNES; BRAGA, 2009, p. 236), observa-se professores/as submetidos as mesmas condições de trabalhadores/as fabris (FRANCELINO, 2003 apud LIMA; LIMA-FILHO, 2009, p. 63) e amalgamados por valores empresariais.

As pesquisas de Arbex, Souza e Mendonça (2013, p. 264), desenvolvida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e de Guarany (2014, p. 216), indicam que o trabalho docente não ficou incólume às transformações ocorridas no mundo do trabalho. As pesquisas constatarem que situações como excesso de atividades acadêmicas, demandas de tarefas, ambiente competitivo entre colegas na universidade, falta de apoio para melhorar condições mínimas de trabalho são algumas queixas relatadas por docentes nas universidades.

Frente às particularidades do trabalho docente, o adoecimento, o mal-estar e sua relação com a precarização do trabalho são evidenciados nas pesquisas de Penteado e Souza Neto (2019, p. 137-138) e Lalla Júnior (2019, p. 39) como expressão de um movimento alicerçado em um modelo de gestão da política educacional que busca eficiência de todo o processo acadêmico, a partir de técnicas advindas de formas de financiamento, de avaliação e controle do trabalho com o pretexto de melhoria de qualidade.

O que essas teses trazem em comum, cada uma a seu modo, é que as transformações na organização do trabalho nas universidades têm afetado os docentes no nível de sua saúde e estabelecendo condições de vulnerabilidade diante das exigências de produção. Observa-se dentre os estudos que a nova forma de gestão na educação pública impõe um novo ritmo de processo de trabalho que parece intensificar o sofrimento físico e mental.

O trabalho docente no *Campus* Baixada Santista apoia-se em um Projeto Político Pedagógico que baseia suas ações nos princípios da educação multiprofissional e interdisciplinar, valorizando o trabalho em equipe e a integração no processo de ensino, pesquisa e extensão, respeitando a especificidade da formação de cada profissão. Segundo Queiróz *et al.* (2015, p. 941), nesse contexto o trabalho “demanda uma atuação que rompe com a estrutura tradicional centrada em disciplinas e na formação específica de cada perfil profissional, ampliando as possibilidades de troca e tornando mais permeáveis os canais de interação entre atuações profissionais”. Nesse sentido, todos os cursos têm um desenho curricular estruturado em quatro eixos de formação, com módulos que aglutinam áreas temáticas afins, que perpassam os anos de graduação. Essa estruturação exige atividades que colocam o docente em constante contato com a comunidade santista onde se desenvolvem vivências com os estudantes de todos os cursos do *Campus*, em turmas interprofissionais. A organização das atividades privilegia a interdisciplinaridade e procura-se desenvolver ações com os serviços de saúde de Santos, fortalecendo parcerias. O trabalho docente nesse modelo pedagógico inovador exige, conseqüentemente, uma atuação diferenciada e acrescida de mais trabalho aos docentes que se encontram concursados no quadro da universidade.

Nesse sentido, as atuais condições de trabalho dos docentes vêm produzindo particularidades que expressam a complexidade em que se encontra o mundo do trabalho, e em particular o trabalho na formação de estudantes, futuros trabalhadores. Assim, neste artigo, com base nos relatos dos docentes, busca-se conhecer suas experiências e os múltiplos vetores que vêm se configurando como implicações à sua saúde.

O grupo de docentes em investigação

Embora este artigo aborde a fase qualitativa de pesquisa quantitativa/qualitativa realizada, antes de iniciar a apresentação da análise qualitativa dos discursos toma-se por importante colocar entre parênteses aspectos da fase quantitativa⁶ que possam contribuir com conhecimentos que visam ampliar a compreensão da percepção dos docentes sobre seu trabalho.

Sobre questões referentes à organização do trabalho e agravos à saúde desses trabalhadores e trabalhadoras foram entrevistados (utilizando-se o questionário como instrumento de pesquisa) 67 docentes do *Campus* Universitário com uma amostra de 32,2%, total de 208 docentes, entre 2016 e 2017. As respostas sobre as questões relacionadas a aspectos da organização do trabalho indicam que 88,1% dos docentes entrevistados consideram que o número de docentes existente “hoje” no campus não está dentro do necessário para realizar as atividades propostas pelo modelo pedagógico, conseqüentemente 82,1% dos entrevistados consideram que o número de docentes é insuficiente para a execução do trabalho, e 95,5% identificam que há conflitos entre os docentes do campus. Apontam que seu trabalho é fragmentado (89,6%), é realizado em ritmo acelerado (92,5%), que vivem frequentemente situações de tensão no trabalho (79,1%) e sente-se estressados ao realizar seu trabalho na universidade (79,1%). Indicam ainda que seu trabalho não é reconhecido na totalidade (graduação, extensão e pesquisa) pela universidade (79,1%) e nem por seus colegas docentes (71,6%). Destaca-se as questões referentes à jornada de trabalho, pois os resultados demonstram que os docentes trabalham mais de oito horas por dia (85,1%) e nos finais de semana (89,6%). Uma das questões da estrutura do trabalho se referiu à burocracia. Os docentes entendem que existem processos excessivamente burocráticos na universidade (94,0%) e consideram que a burocracia na realização ou na organização das atividades na universidade torna seu trabalho mais estressante (88,1%). Diante desse quadro de apreensões sobre o trabalho, os docentes foram pesquisados sobre algumas condições de sua saúde e os indicadores apontam que estes estão fadigados com prevalência, para este grupo, de 62,7%; 58,2 indicam a presença de cervicalgia/dor na região do pescoço

e também a lombalgia (dor lombar) os atinge com prevalência de 58,2%. Todos os índices se apresentam altos e quando relacionados esses agravos à saúde com os aspectos da organização do trabalho foi detectado que a fadiga mostra-se em associação estatisticamente significativa ao *reduzido número de docentes no campus para realizar as atividades* ($\chi^2 = 5,50$; $p = 0,01$); à *excessiva burocracia das atividades na universidade* ($\chi^2 = 7,10$; $p = 0,00$); ao *ritmo acelerado de trabalho* ($\chi^2 = 4,20$; $p = 0,04$); ao *trabalho fragmentado* ($\chi^2 = 7,82$; $p = 0,00$) e às *constantes interrupções nas tarefas* ($\chi^2 = 5,51$; $p = 0,01$). Com relação à cervicalgia/dor na região do pescoço, as associações se referiram à *tarefa interrompida* ($\chi^2 = 6,64$; $p = 0,01$); ao *trabalho nos finais de semana* ($\chi^2 = 4,61$; $p = 0,03$), ao *trabalho não reconhecido pela universidade na sua totalidade (graduação, extensão, pesquisa)* ($\chi^2 = 10,4$; $p = 0,00$); ao *ritmo acelerado de trabalho* ($\chi^2 = 4,85$; $p = 0,02$) e ao *viver frequente tensão no trabalho* ($\chi^2 = 10,6$; $p = 0,00$). Com referência a outras doenças presentes, os docentes relataram que sofrem de problemas gastrointestinais (34,3%), cardiovasculares (19,4%), problemas fonoaudiológicos (13,4%) e auditivos (7,5%).

Na abordagem quantitativa constata-se a percepção do grupo de docentes sobre o seu trabalho diante de aspectos da organização do trabalho, pois referem trabalhar em ritmo acelerado, além das oito horas e em finais de semana, vivem situação de tensão no trabalho, e outras situações de precarização das condições do trabalho. E, nesse andar da vida de trabalho, os docentes estão a adoecer. Esse retrato apresentado tem objetivo de permitir uma aproximação na compreensão dos discursos desenvolvidos neste artigo. Oferece-se a possibilidade de ampliar o olhar sobre o adoecimento no trabalho em um dado momento histórico de suas vidas profissionais. Os olhares e saberes se complementam nas análises com a possibilidade da “quantidade”, a expressão do conjunto de trabalhadores em pesquisa sobre o trabalho, e da “qualidade”, a expressão individual (ou coletiva) das sensações e percepções dos atores sociais no campo da educação com suas vozes a expressar o que lhes afeta no trabalho diário.

Fecha-se o parêntese para caminhar com os sete docentes, coletando os dados a partir de entrevistas, selecionados aleatoriamente, por sorteio, a partir dos 67 pesquisados. Os sete docentes discorreram sobre o modo de trabalhar na universidade em uma sociedade capitalista neoliberal que sofre com a constante exigência de trabalho e mais produtividade.

A caracterização dos docentes é apresentada no Quadro 1. Foram atribuídos nomes fictícios ao grupo entrevistado com o objetivo de preservar suas identidades.

Quadro 1 - Características dos docentes entrevistados, maio de 2018, Santos, SP

Docente* (latim e português)	Idade	Sexo	Tempo na docência	Tempo na Unifesp
Andromeda/Andrômeda	48	Feminino	17 anos	7 anos
Draco/Dragão	34	Masculino	6 anos	1 ano
Phoenix/Fênix	53	Masculino	20 anos	7 anos
Lyra/Lira	45	Feminino	6 anos	5 anos
Columba/Pomba	46	Feminino	19 anos	6 anos
Pegasus/Pégaso	55	Masculino	24 anos	3 anos
Orion/Órion (Caçador)	53	Masculino	22 anos	3 anos

* Escolheu-se nomes de constelações no sentido de valorizar o trabalho docente: como estrelas potentes a iluminar o céu escuro.
Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

O tempo médio de experiência como docentes na Unifesp, campus Baixada Santista, é igual ou inferior a sete anos, comparado com o tempo de docência em suas trajetórias de vida. A Universidade Federal de São Paulo, com uma história recente, remonta do processo de Expansão Universitária no Brasil, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) (FAVATO; RUIZ, 2018), e inicia suas atividades no ano de 2016. Seis entrevistados caracterizam-se com idades entre 45 anos e mais, o que mostra um quadro de docentes com idades mais avançadas e apresentou-se um equilíbrio em relação ao gênero.

As atividades acadêmicas no *Campus* Baixada Santista remetem, a partir da percepção da realidade de trabalho dos/as professores/as, a um cenário no qual a intensificação do trabalho é um fator relacionado às sensações adversas desse coletivo de trabalhadores/as. Nesse sentido, numa perspectiva de conhecer o traba-

lho e as condições que afetam os trabalhadores e trabalhadoras, toma-se como fundamental escutar esses trabalhadores/as da docência sobre sua situação de trabalho em uma universidade pública brasileira.

Expressão dos docentes sobre seu trabalho e processo saúde/doença na universidade

Retoma-se aqui quão fundamental se coloca conhecer o trabalho na sua forma real. Uma explanação clara sobre esta temática é encontrada em Laurell e Noriega (1987, p. 21) quando referem que “a realidade cotidiana do trabalho tem sido o ponto cego [...] da maioria dos observadores e analistas da sociedade”. Continuam descrevendo que “é urgente penetrar os muros dos centros do trabalho e mostrar o que ali acontece para que deixem de ser âmbito de experiência individual e se tornem áreas socializadas e legítimas de ação e de transformação”. Assim, com o significado que envolve conhecer o trabalho, toma-se neste artigo o trabalho docente relatado oralmente por seus atores que expressaram a realidade das atividades no cotidiano universitário, um passo ao rompimento dos muros do centro do trabalho.

Diante do contexto da produção/produtividade acadêmica, uma primeira questão no discurso dos entrevistados se refere à manifestação do pensamento sobre o trabalho do docente na universidade, no sentido de como o trabalho realmente se desenvolve. Parte-se da temática emergente: como é o trabalho? Os docentes expõem a partir de suas particularidades e como resultado manifesta-se pontualmente a demanda de trabalho, relacionando-a à carga horária:

[...]A gente tem uma dada carga horária em sala de aula com turmas que variam de 30 a 40 alunos, para cada semestre essa carga horária se altera, o MEC⁷ indica que cada professor de universidade pública assuma 12 horas aulas na graduação, o indicativo é que de fato 8 horas seria o ideal, dificilmente colegas conseguem ficar com 8 horas, tem gente que está 12 horas e tem professor/a que está dando 16 horas aula a 20 horas aula. Meu trabalho é uma rotina estruturada nos próprios pilares da universidade, eu trabalho com disciplinas na graduação e pós-graduação, atividades de extensão, atividades de monitoria, orientação de TCC, orientação de teses (mestrado, doutorado), atividade de gestão, representações em comissões, pesquisa de iniciação científica, coordenação, grupos de pesquisa, reuniões, ou seja, tenho que preparar três aulas por semana, dar três aulas, o que implica em preparar aula, ler textos, ver filmes, organizar uma proposta para a disciplina, uma proposta de prova, lançar nota no sistema, juntando com essa parte de gestão, coordenação, pesquisa e extensão e tem também reuniões via Skype, ou seja, o trabalho é imenso, né! Então, o trabalho de dar aula, ele traz um monte de outros trabalhos para além de dar aula! (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018).

O trabalho é enunciado de forma intensa, definido como “imenso”, e o rol de atividades é relatado como sendo de forma contínua, se assemelhando a um “quase sem fôlego”. A atividade de trabalho não é resumida a dar aulas pois, as exigências são mais amplas abrangendo o tripé ensino-pesquisa-extensão na formação de estudantes e, de certo modo, a própria formação docente, ou seja, o fortalecimento do *saber fazer* a docência. O docente necessita de um tempo para a necessária reflexão sobre o que se aprende vivenciando, experienciando. O grande entrave no trabalho fica representado pelo processo de duração temporal deste, que se intensifica por exigências múltiplas a serem concretizadas em determinado tempo, e se entenderá mais à frente, neste artigo, que o tempo de trabalho se amplia invadindo a vida diária dos docentes fora do momento de trabalho. A intensificação do trabalho docente nesse contexto pode ser compreendida como uma expressão dos processos de metamorfose pelas quais vem passando a educação superior no Brasil. Segundo Oliveira (2000, p. 18), “parece haver nas atuais políticas de educação superior uma lógica econômica produtivista que implica em uma remodelação do sistema educacional”, e a remodelação também modifica o trabalho de quem ensina em novas conformações, novas regras. Com base nos estudos de Svartman, Crochik e Massola (2015), essa remodelação no contexto universitário vem sendo empreendida desde a década de 1980 na qual a reestruturação produtiva passa a se inserir na dinâmica de trabalho de docentes. Essa fase corresponde à desestruturação da sociedade industrial “fordista” e de seu padrão característico de emprego (LAVAL, 2019, p. 36). Nesse sentido, costura-se uma concepção pautada em valores mercadológicos e individualistas atribuindo à educação um caráter empresarial. Os efeitos do empreendimento educacional podem ser compreendidos no cenário particular de produção relatadas a seguir pelos/as docentes:

[...] então...é uma semana bastante atribulada e cheia para poder dar conta de todas essas atividades...tem o aspecto reuniões, tem um monte de reunião aqui e a Gestão sempre está envolvida, a gente faz reunião de curso, de departamento, assume outras funções de Gestão no campus, além de ensino, pesquisa e extensão

tem tarefas burocráticas e administrativas que a gente assume né, ao mesmo tempo a gente é cobrado para ter certa produtividade, para ter uma quantidade de artigos, sobra pouco tempo para a pesquisa então você acaba fazendo a pesquisa em casa à noite com o tempo que sobra. Cada professor/a organiza sua vida acadêmica, sua vida profissional, mas eu vejo os meus colegas do mesmo jeito que eu, ou seja, trabalhando de manhã, de tarde, de noite, de madrugada e final de semana pelo acúmulo de coisas; falo para meus colegas que eu nunca trabalhei tanto na minha vida, às vezes não ter horário pra jantar, não ter horário para tomar lanche, sair esbaforida de uma reunião à outra....se eu tiver uma dor de barriga, se eu estiver morrendo de fome, eu tenho que suspender uma coisa dessas. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018).

As particularidades de produção docente trazem um cenário no qual muitas tarefas são sobrepostas, incluindo as atividades que envolvem a gestão administrativa e pedagógica. A demanda de trabalho vem capturando seus espaços de descanso e impactando diretamente em suas necessidades básicas de saúde durante seu cotidiano de trabalho. Evidencia-se um vazamento no qual a organização de trabalho fundamentada sob extensas atividades parece ocupar o dia, a noite e a madrugada dos docentes. No discurso, o trabalho penetra o momento, historicamente construído, de não trabalho, ou seja, um momento de estar em casa, de lazer, de outras atividades não incluídas como momento de produção assalariada. Trata-se da contaminação da hora de não trabalho pelo trabalho. A jornada de trabalho é um ponto fundamental na discussão atual sobre a exploração contida no projeto do capital neoliberal. Não se trata de um aspecto que entra recentemente no mundo do trabalho e sim uma problemática antiga sobre o trabalho e sua duração. O tempo do trabalho atinge diretamente o corpo dos trabalhadores e afeta sua energia vital para trabalhar, produzir. Marx (2013, p. 305-311), no século XIX, colocou em discussão a grandeza da jornada de trabalho descrevendo que a avidez do capitalista por mais trabalho se manifesta como um ímpeto por um prolongamento ilimitado da jornada de trabalho. O *mais trabalho* na conceituação marxista trata o prolongamento do trabalho como mais-trabalho, aquele além da jornada delimitada pela parte do dia em que o trabalhador tem necessariamente que trabalhar para sua autoconservação. Marx (2013, p. 306) descreve que:

Durante um dia natural de 24 horas, uma pessoa despende apenas uma determinada quantidade de força vital. Durante uma parte do dia essa força tem de descansar, dormir, durante outra parte do dia, a pessoa tem que satisfazer outras necessidades, como alimentar-se, limpar-se, vestir-se etc. Além desses puramente físicos há também limites morais que impedem o prolongamento da jornada de trabalho. O trabalhador precisa de tempo para satisfazer as necessidades intelectuais e sociais.

A necessidade de absorver mais trabalho é, segundo Marx, um impulso vital do capital, o impulso de autovalorizar, de criar mais valor. No modelo da atual produtividade acadêmica o *mais trabalho* parece uma constante em que o trabalho ultrapassa as condições de energia física e intelectual dos docentes. No trabalho realizado dia e noite e finais de semana emerge a intensificação que pode ser devido ao prolongamento da jornada, acrescido de mais trabalho, ou ao fato do docente trabalhar só as 8 horas contratuais e responder às crescentes e infundáveis exigências do trabalho o intensificando, e nesse caso refere-se a outra forma de *mais trabalho* no mundo globalizado. De acordo com Rosso (2008, p. 21), “quanto maior é a intensidade, mais trabalho é produzido, no mesmo período de tempo considerado”. Nas duas condições apontadas atenta-se que o *mais trabalho* e a intensificação são fatores presentes na execução das atividades dos docentes no âmbito da universidade pública federal.

A condição do trabalho docente é afetada por tensões no espaço universitário a partir da experiência em relação à dinâmica interna incorporada pela competição entre os docentes:

[...] Dentro das disputas políticas que existe em qualquer universidade, em qualquer experiência humana a gente tem política, às vezes tem que lidar com tensões entre colegas, acho que tem uma dinâmica interna bastante complicada, tem competitividade grande, onde um conjunto de docentes tem posicionamentos diversos, compreensões de homem, de mundo e de sociedade distintas e uma direção política distinta, obviamente causa quando vai para uma assembleia docente e aquilo que estou defendendo não está sendo escutado e aí vejo outra direção de docentes em um campo mais conservador, esse trabalho na Gestão te joga dentro de determinadas tensões em função de interesses que não são interesses necessariamente compartilhados, em vários momentos você tem um interesse de um grupo e não de outro, eu odeio, isso me desgasta psicologicamente e fisicamente. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018).

A competitividade entre os docentes é observada a partir das tensões de interesses que desmobilizam uma possível construção coletiva e a competição pode ser compreendida como uma expressão advinda do modelo empresa, conforme descreve Areosa (2017, p. 248):

a elevada competição e o crescente individualismo no modelo empresa implicam que os/as trabalhadores/as estejam desligados uns dos outros, favorecendo um sentimento de solidão suscetível de provocar uma anomia social destruindo os sentimentos mais nobres de humanismo.

A formação de pequenos grupos de um campo mais conservador, segundo os/as trabalhadores/as, possui interesses individuais e não compartilhados com a categoria passando a gerar as seguintes experiências do ponto de vista profissional:

[...] está sendo uma experiência péssima do ponto de vista profissional, eu entendo que têm pessoas que adoecem né por conta do trabalho burocrático. A Gestão para mim é um sacrifício, é muito doloroso, por que eu sei que posso estar produzindo efeitos negativos para coletividade, é o que tem tido mais peso nas minhas frustrações, essa falta desse espírito coletivo, dessa organização política, dessa lacuna na universidade; uma hora se fragiliza o movimento docente, aí daqui a pouco vem um ou dois chamando para reunião, nessa reunião tem cinco docentes, daqui a pouco tem dez e aí se falar sobre a possibilidade de Greve vem uns cem, acho que isso me incomoda. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018).

Há um pensamento dominante entre os docentes diante da formação de grupos caracterizados por seus interesses individuais e competitividade, professores/as estão a concorrer entre si tal como grandes empresários concorrem. Segundo Engels (2010, p. 117, grifo do autor):

A concorrência é a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa. Essa guerra sendo uma guerra pela vida, pela existência, por *tudo*, não se trava apenas em diferentes classes, mas também entre os diferentes membros dessas classes: cada um constitui um obstáculo para o outro e, por isso, todos procuram eliminar quem quer que se lhes cruze o caminho e tente disputar seu lugar.

Os docentes sentem uma tensão muito pesada do ponto de vista psíquico e emocional nessa relação entre colegas. Há uma dificuldade inerente ao rearranjo da organização do trabalho sob influência da própria conjuntura política do País, que vem dificultando cada vez mais a construção coletiva da classe. A percepção dos/as trabalhadores/as destaca uma condição existente da categoria como se ela estivesse agindo segundo sua própria vontade. Essa condição se assemelha à condição mencionada por Engels (2010), em que a burguesia oferece ao proletariado os meios de subsistência em troca de seu trabalho, o que dá uma aparência de que está estabelecido livremente com a classe dominante um contrato, sem constrangimentos, como se o proletariado fosse o autor do seu próprio destino, uma liberdade que deixa ao trabalhador/a como alternativa à aceitação das condições impostas pela burguesia. Eis a concorrência entre docentes!

A experiência em ser docente no Século XXI no Brasil é como participar de um jogo político em que nada é dito explicitamente. O espaço de trabalho é rodeado de armadilhas políticas onde a universidade é a expressão da sociedade. Segundo Severino (1986, p. 7), Marx mostra que “todas as formas de pensamento e representação, elaboradas pela consciência humana – aspectos morais, filosóficas, jurídicas, científicas e políticas –, dependem diretamente das relações de produção e de trabalho, correspondente todas às determinadas fases da história. O autor refere ainda que “para Marx não se trata de renunciar ao pensamento enquanto atividade da consciência, mas de não o desvincular de suas condições históricas reais de produção”.

Nesse sentido, a universidade não é uma caixinha, como expresso no discurso:

[...] já sei lidar que essa universidade não é uma caixinha numa ilha, essa universidade é a sociedade. Isso é uma tensão pra mim e eu já adoeci, né. A docência é uma experiência de solidão, há uma falta de lugar é...da subjetividade né, de encontrar esses sujeitos e reconhecê-los. A universidade favorece esse espaço da solidão e isso incomoda e não é uma questão minha, é uma questão nossa da época, mas que a gente vive isso individualmente como um conflito. (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018).

Diante da vivência do conflito, a formação docente, de acordo com Severino (1986, p. XIV),

deve levá-lo a discutir o significado da educação e de seu trabalho no contexto da vida social concreta, e uma vez que ela encontra-se em constante tensionamento e conflito individual, o sentido de sua existência e a eficácia de sua ação estão intimamente desligados do sentido de uma coletividade concreta.

Há um não lugar à subjetividade do/a trabalhador/a e os docentes percebem seu *adoecimento* a partir da sua experiência de solidão e sofrimento presente no relato a seguir:

[...] *Me sinto cansada, mas contraditoriamente feliz! Os gregos já diziam que todo conhecimento produz dor. É aquela dor de você tomar consciência de algo que você não sabia que existia no mundo, e então essa dor da perda de verdades em função da constituição de outras verdades você perde à si para pensar a partir de um outro, de uma outra perspectiva; isso qualquer conhecimento traz, por exemplo, que existam tantas resistências ideológicas, porque abrir mão de minha ideologia é abrir mão do chão que eu piso e essa ideia da desalienação, da tomada de consciência é...ela produz dor...tem um sofrimento que não é direto, é um sofrimento indireto por conta da quantidade de tarefas. Por exemplo, nos últimos três meses eu dormi muito pouco por conta da quantidade de trabalho, acho que tem um sofrimento ali de às vezes não estar com a família, de ter dificuldade em conciliar a vida pessoal, projetos além da vida profissional, uma vez que a vida profissional não resume tudo que a gente é, né?* (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018).

Há uma dimensão do adoecimento docente que é percebida indiretamente, ou seja, a demanda do trabalho que passa a contaminar as esferas da vida pessoal apresentada nesse contexto. Porém, conforme descrito no discurso, a felicidade no trabalho é permeada pelo cansaço, o sofrimento e a dor, chamando a atenção para a contradição, a dualidade dos efeitos do trabalho. *Eu dormi muito pouco por conta da quantidade de trabalho.* Na condição de vida apontada, a hora do não trabalho é contaminada pelo trabalho na vida pessoal, inclusive nas necessidades básicas de descanso que é interrompida pela intensificação do trabalho. Assim, emerge novamente o discurso da carga horária e da intensificação do trabalho. A sensação de frustração mencionada pelos docentes parece intensificar-se na medida em que avanços nos cortes da educação pública passam a produzir efeitos mais profundos no período de 2016 a 2017 como relatam os/as professores/as:

[...] *Esta completando um ano que eu estou em tratamento psiquiátrico; estou tomando antidepressivo, porque chegou um momento em que eu percebi que eu precisava, porque eu estava completamente desmotivado e uma melancolia profunda, e isso coincidiu com a passagem de 2016 a 2017. A gente vive uma situação mais delicada, muitas vezes estressante, pela falta de infraestrutura, falta de apoio, precariedades, então você se depara o tempo todo com limitações de toda a ordem própria da política pública, todas as retaliações, cortes, acho que isso impacta diretamente no nosso trabalho. Desde o impeachment⁸ até a PEC do fim do mundo⁹, mais a ocupação aqui do campus¹⁰, todas essas frustrações no exercício da profissão, chegou em um momento em que eu quebrei e fui procurar uma psiquiatra, mesmo com tantas frustrações é ruim ter essa consciência...se eu não tomar este medicamento eu vou adoecer mais...e não vou conseguir fazer o que eu tenho que fazer, eu vou descumprir o que eu tenho por contrato ou então assumo esse adoecimento. Tem uma parte de mim que não está em mim que está em um frasco, essa sensação é horrível! Ou seja, tem uma parte de mim que eu só consigo ter por que tem um frasco cheio de comprimidos do meu lado e seu não botar isso na boca eu não consigo ser o que eu tenho que ser, é horrível essa sensação, é muito ruim!* (Discurso do sujeito Coletivo, 2017-2018).

O operário moderno, nesse caso um Ser docente, pode aparecer como um Ser em liberdade, uma vez que não é vendido de maneira definitiva, mas pouco a pouco, diariamente, semanalmente, semestralmente, e não é vendido de um proprietário a outro, mas vende-se a ele mesmo, porque não é escravo de um indivíduo, é escravo de toda a classe proprietária. A produção/produtividade e a venda intensificada de si vêm promovendo condições precárias de trabalho e adoecimento aos docentes. Segundo Le Breton (2013, p. 59) “o indivíduo adapta sua vigilância ou sua resistência com auxílio de estimulantes psíquicos, como os antidepressivos, entre outros, ou no combate aos efeitos do estresse, melancolia, tomando tranquilizantes para acalmar suas tensões”. Esses produtos medicamentosos participam nas técnicas de uma gestão do humor e do uso de si na escala produtiva. Contribuem para a manutenção do sistema de produção docente, isto é, uma manutenção para a aceleração do ritmo de trabalho, metas e desempenho. Produz a si um outro estado de corpo docente que dê conta do que está em contrato, das exigências de produção acadêmica, com *uma parte de mim que está no frasco*.

Na contramão da desconstrução do Ser docente as necessidades e os desejos de um trabalho com melhores condições podem assegurar, em parte, a sobrevivência no trabalho dentro do espaço universitário. Os/as docentes têm consciência dos aspectos do trabalho que os afeta de forma negativa e a partir desta constatação lhes é possível idealizar e construir ideias que podem se materializar em ações de transformação, que pode levar à luta por melhores condições de trabalho. Os entrevistados/as reconhecem as dificuldades, os entraves, de seu trabalho e apresentam o que desejam em termos de uma universidade pública e do trabalho nela desenvolvido.

[...] *O que eu mais desejo para meu trabalho? Ter condições para desenvolvê-lo! Até mesmo essa parte de gestão que eu falei que é horripilante! Se eu tivesse melhores condições, por exemplo, eu participei de uma visita do MEC no campus. Os avaliadores do MEC vieram pra cima dos professores cobrando*

estrutura, acessibilidade, laboratório físico com técnico. “Tá! Mas a gente não tem mais verba de repasse para a universidade, a gente não tem concurso, mal está conseguindo pagar a conta de luz, então...como é que você está exigindo um espaço físico se nem dinheiro a gente tem para fazer concurso e contratar recurso humano; está havendo cortes do governo federal então o MEC está vindo jogar nas nossas costas algo que é da competência deles, concurso não é a gente quem decide, é recurso público! O MEC que tem que abrir, então é verba do governo federal e eles vem culpabilizar os professores por conta da estrutura da universidade, ou seja, a gente está vivendo esse momento que é um horror, é inquisitorial! Isso é Santa Inquisição medieval mesmo, é a culpabilização dos hereges, é como se o pecado de tudo estivesse na gente. Como é possível coordenar se a gente tem falta de pessoal de apoio, da secretaria muitas das coisas sou eu que faço, ou seja, não temos um corpo técnico que dê suporte e que garanta, é como se a gente tivesse na universidade pública agonizando, sabe? Você olha para um futuro “incerto” entre aspas, porque a tendência que a gente está vendo é que não vai conseguir segurar, mas aí vai ser um processo histórico desse jeito se angustiado por quer a gente sabe que não precisa ser assim só para manter interesses do Capital na educação. Então eu queria estar construindo educação pública de qualidade, eu queria que ela fosse a instituição que mais recebe incentivos e dá oportunidades para o jovem brasileiro, eu não queria que a universidade pública fosse elitista, eu queria que os processos seletivos para entrar na universidade pública fossem cada vez menores no sentido de ter oportunidades de acesso sem muita seletividade, estamos vivendo exatamente o extremo oposto que é a falta de investimento público, ameaça de privatização que vai selecionar ainda mais, porque só entra quem vai poder pagar, ou seja, o fim da universidade pública. Eu gostaria muito de chegar a uma situação em que essas tensões diminuíssem, que não houvesse espaço para machismo, racismo e homofobia, transfobia, então que a universidade pudesse ser efetivamente democrática. Eu acho que o que eu mais desejo é reconhecimento enquanto intelectual, enquanto professor pesquisador, e também ter financiamento para pesquisa, financiamento para a contratação de mais professores, seria o ideal! Saber que minha pesquisa pode ser útil para processos de transformação! Nesse espaço o que eu mais desejo é que a gente possa construir coletivamente relações mais sólidas na universidade com todos os sujeitos, com os docentes, funcionários e estudantes, o que eu desejaria é que a gente tivesse um espaço de apoio ao docente para trocar e conversar. Bem, é o que eu mais desejo, mas tudo isso implicaria em por exemplo que o Brasil fosse outro também né!

Apesar de toda a intensificação do processo de trabalho e a fragmentação entre o trabalho no espaço da universidade e no espaço da vida pessoal, além de todas as exigências de trabalho sob condições precárias, aparece no discurso um desejo pautado na concepção de uma educação de qualidade, de um compromisso maior da universidade pública com a formação dos estudantes no Brasil. Pleiteiam o reconhecimento de seu trabalho *enquanto intelectual, enquanto professor pesquisador*.

Areosa (2017, p. 256) refere que:

as pessoas procuram muitas vezes provar o seu valor por meio do trabalho; mas, as atuais formas de gestão empresarial irradiam indiferença, e por isso mesmo a satisfação, o reconhecimento e a realização pessoal no trabalho parecem estar constantemente a ser procrastinados.

Como horizonte de realização no trabalho, os docentes desejam um trabalho menos individual e mais coletivo com todos os trabalhadores da universidade quebrando com a hierarquia que se estabeleceu entre os tipos de trabalho e de trabalhadores, entre docentes, funcionários e estudantes. Apontam o limite de uma transformação unicamente na “ilha” universidade lembrando que já indicaram que *a universidade não é uma caixinha numa ilha*. A transformação deve ser da sociedade e, nesse âmbito, Severino (1986, p. XIV) afirma que “o educador precisa entender-se como membro de uma sociedade envolvida num processo histórico. Ele não é uma individualidade solta, o sentido de sua existência e a eficácia de sua ação estão intimamente ligados ao sentido da existência de uma coletividade muito concreta”.

As transformações do educador exigem uma nova consciência social. É preciso compreender que o processo de trabalho docente está atrelado à formação de trabalhadores para dar continuidade ao processo de reprodução do capital. Os estudantes de hoje serão inseridos no mundo do trabalho, na estrutura capitalista neoliberal, ou estarão em desemprego que acarretará outra forma de sofrimento. Nessa concepção, Severino (1986, p. XIV) nos chama a atenção sobre “a imprescindibilidade de uma nova consciência social do educador, a ser gestada mediante uma formação política, cuja construção deve ser iniciada já durante seus estudos”. E quem forma os futuros docentes? São os docentes de hoje, de agora, que estão a sofrer com o trabalho e sem condições de trabalho para a construção de um olhar crítico sobre a sociedade.

Considerações finais

Ao objetivar a análise das condições de trabalho dos docentes no contexto de desmonte da universidade pública federal, este artigo defende que as transformações ocorridas pelas exigências do produtivismo acadêmico estão implicadas na vivência desses trabalhadores e, ao mesmo tempo, podem determinar o caminho do processo saúde/doença quando o trabalho é acrescido de longas jornadas e realizadas com intensificação.

No cenário apresentado pelos docentes percebe-se que o trabalho vem atrelado a difusas engrenagens evidenciadas nos aspectos da organização do trabalho na universidade e do contexto econômico, social e político no qual ela se entrepõe. Diante das particularidades do trabalho docente destaca-se um cenário de injeção de efeitos na reorganização da produção na educação pública. Observa-se a partir da percepção docente sobre a intensificação do trabalho temáticas que abordam a execução das tarefas atreladas a questões relacionadas à gestão e competitividade; à tensão no trabalho e alta demanda de atividades; ao infinito trabalho em casa, que atravessa as horas de sono, e ao adoecimento físico e mental. Os docentes sentem-se cansados, adoecidos e compreendem o papel da organização do trabalho, embora não nomeiem “organização do trabalho” dessa forma, na geração de agravos à saúde.

A nova gestão pautada no produtivismo acadêmico impõe a invasão do momento de não trabalho pelo trabalho e soma-se a estas condições a redução do financiamento da universidade pública, e de docentes, com o intuito de cumprir com uma pauta neoliberal. Pela via da escuta e da construção dos discursos, a pesquisa apontou questões importantes do trabalho que estão afetando o grupo de docentes pesquisado. Portanto, entende-se que a construção de pesquisas que abordem esta temática e possam aprofundar o conhecimento sobre os processos de trabalho docente, incluindo o prolongamento de jornadas, podem trazer à tona os fatores que geram sofrimento e adoecimento aos trabalhadores. Com esse aprofundamento se poderá construir indicadores que contribuam para transformar o trabalho docente na universidade, no sentido de aliviar carga mental e física a estes trabalhadores.

Referências

- AREOSA, J. Capitalismo e precarização do trabalho. In: VELOSO, L. et al. *Anarquismo, trabalho e sociedade*. Coimbra: Almedina, 2017. p. 239-269.
- ANTUNES, R.; BRAGA, R. (org.). *Infoproletariados: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ARBEX, P. S.; SOUZA, K. R.; MENDONÇA, A. L. O. Trabalho docente, readaptação e saúde: a experiência dos professores de uma universidade pública. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 263-284, 2013.
- CARMO, A. B. ; BATALHA, C. V.; MIQUELETTI, E. A. PEC 241: Do Acontecimento Político ao Acontecimento Linguístico. APEB.frp. *Passagens de Paris*, 14, 156-169, 2017. Disponível em: www.apebfr.org/passagesdeparis Acesso em: 10 jan. 2020.
- COLADO, E. I. Capitalismo académico y globalización: la universidad reinventada. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 24, n. 84, p. 1059-1067, 2003.
- DESLAURIERS, J.-P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. *A Pesquisa Qualitativa-Enfoques epistemológicos e metodológicos*. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2010. p. 130-131.
- EMILIANO, L. L.; QUEIRÓZ, M. F.F. Nas dobras da eficiência: a relação entre trabalho e saúde de docentes de uma universidade pública brasileira. In: CABREIRA, P. P. (org.). *História do Movimento Operário e Conflitos Sociais em Portugal: “Tempos Modernos, Jornadas Antigas”*. (Atas do III e IV CHTMOCSP & III COCTV). Lisboa: IHC, 2020. ISBN: 978-989-8956-20-0.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- FAVATO, M. N.; RUIZ, M. J. F. Reuni: política para a democratização da educação superior? *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 12, n. 2, p. 448-463, 2018.
- GUARANY, A. M. B. *Trabalho Docente, Carreira Docente: elementos que impactam a saúde mental dos docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro: estudo de caso*. 2014. 144f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- LALLA JÚNIOR, J. R. *Desafios, dificuldades e incertezas no trabalho do professor universitário*: Estudo de caso em uma universidade pública no interior do Estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) “Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Botucatu, São Paulo, 2019.
- LAURELL, A.; NORIEGA, M. *Processo de Produção e Saúde-Trabalho e desgaste operário*. São Paulo: Hucitec, 1898.
- LAVAL, C. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2013.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; TEIXEIRA, J. J. V. *O Discurso do Sujeito Coletivo: uma abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUSC, 2000.

- LIMA, M. F.; LIMA-FILHO, D. O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências e Cognição*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 63-82, 2009.
- MARX, K. *O Capital*. V.1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- OLIVEIRA, J. F. *A reestruturação da educação superior no Brasil e o processo de metamorfose das universidades federais: o caso da Universidade Federal de Goiás*. 2000. 210f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- PENTEADO, R. Z.; SOUZA NETO, S. de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2019, p. 135-153.
- QUEIRÓZ, M. F. F. *et al.* Grupo PET-Saúde/Vigilância em Saúde do Trabalhador Portuário: vivência compartilhada. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, supl. 1, p. 931-49, 2015.
- REAL, D. C. *Primavera Secundarista: Engajamento Estudantil nas Ocupações de Vitória – ES em 2016*. 2016. 159f. Tese (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.
- ROSSO, S. D. *Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SEVERINO, A. J. *Educação, Ideologia e Contra Ideologia*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- SIMIONI, A. M. C.; LEFÉVRE, F.; PEREIRA, I. M. T. B. *Metodologia Qualitativa nas Pesquisas em Saúde Coletiva: Considerações Teóricas e Instrumentais*. Série Monográfica nº 2. Eixo promoção de Saúde, Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário. Universidade de São Paulo-Faculdade de Saúde Pública-Departamento de Práticas de Saúde Pública, 1996.
- SVARTMAN, B. P.; CROCHIK, J. L.; MASSOLA, G. M. A reestruturação produtiva universitária e suas consequências sobre a produção acadêmica. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 129-132, 2015.

Notas

- 1 Trata-se da pesquisa Trabalho e Precarização: A Saúde do (a) Professor (a) em uma Universidade Pública/Brasil. Desenvolvida nos anos de 2016 a 2018. A primeira fase da pesquisa (2016-2017) utilizou abordagem quantitativa e a segunda fase (2017-2018) abordagem qualitativa, objeto deste artigo. A pesquisa teve bolsa CNPq (PIBIC-Unifesp) - foi aprovada Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo, sob o número CAAE 2.6685717.2.0000.550.
- 2 Marshaall e Rossaman (1989 apud DESLAURIERS; KÉRISIT, 2010).
- 3 Deslauriers e Kérisit (2010).
- 4 Simioni, Lefèvre e Pereira (1996).
- 5 Para melhor compreender o conceito, consultar Colado (2003).
- 6 A fase quantitativa da pesquisa é objeto de capítulo de livro que poderá ser acessado em Emiliano e Queiróz (2020).
- 7 A referência é feita ao Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em 2 de janeiro de 2019 o presidente Jair Bolsonaro extingue o Ministério da Cultura, através do decreto n. 9.674, e o transfere como uma Secretaria para o Ministério da Cidadania. Em 6 novembro de 2019, pelo Decreto n. 10.107, transfere a Secretaria de Cultura para o Ministério do Turismo e o Ministério da Educação adota a sigla ME.
- 8 Os docentes se referem ao processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff iniciado em 2 de dezembro de 2015 e concluído em 31 de agosto de 2016.
- 9 A “PEC do fim do mundo” refere-se a Proposta de Emenda Constitucional 241. De autoria do poder executivo, a PEC 241 visa um Novo Regime Fiscal no Brasil, propondo um limite de gastos para o crescimento da despesa pública de ordem primária do governo central. Pode ser consultada em Carmo, Batalha e Miqueletti (2017).
- 10 A ocupação estudantil mencionada pelos entrevistados faz menção a “primavera secundarista” ocorrida em 2016, a qual levou todo o Brasil a ocupar escolas e universidades públicas unidas por pautas nacionais. Das pautas adversas evidenciadas na luta dos/as estudantes o primeiro fator motivador das ocupações foi a Medida Provisória 746/2016 sobre a reforma do ensino médio e o segundo fator motivador faz menção a PEC 55/PEC 241, cujo conteúdo tratava do congelamento aos investimentos na área da educação, saúde e assistência social pelo próximos 20 anos (REAL, 2016).

Maria de Fátima Ferreira Queiróz

fatima.queiroz@unifesp.br

Doutorado em Saúde Pública/Saúde do Trabalhador pela Faculdade de Saúde pública da Universidade de São Paulo (USP)

Professora Associada II da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Laiany Lara Emiliano

laianylara2@hotmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de

São Paulo (UNIFESP)

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

UNIFESP-BS

Rua Silva Jardim 136, Vila Mathias

Santos – São Paulo – Brasil

CEP:11015-020

Agradecimentos

A todos os docentes participantes da pesquisa que cederam horas de seu trabalho já intensificado para contar-nos sobre as suas atividades de trabalho no cotidiano da universidade. Esperamos que o estudo possa vir a contribuir com transformações tão necessários no trabalho na universidade pública.

Agência financiadora

Não se aplica.

Contribuições das autoras

Maria de Fátima Ferreira Queiróz: na condição de docente e orientadora da pesquisa contribuiu na realização da pesquisa desde sua concepção até sua efetivação, bem como na estruturação e desenvolvimento do artigo.

Laiany Lara Emiliano: na condição de bolsista de iniciação cientí-

fica contribuiu no desenvolvimento da pesquisa em campo (coleta de dados), na análise e na estruturação e desenvolvimento do artigo.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo, número CAAE 2.6685717.2.0000.5505. Foi aplicado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por todos/as os/as participantes da pesquisa.

Consentimento para publicação

Consentimento das autoras.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.